

POLÍTICA

A Frente Liberal e o PMDB negociam sobre o Senado

O próximo presidente do Senado deverá sair dos quadros da Aliança Democrática, isto é, do PMDB ou da Frente Liberal. Esta preliminar foi lembrada ontem pelo líder do PMDB, senador Humberto Lucena, que hoje retoma os contatos com a liderança frentista, com o objetivo de compor uma chapa "para ganhar" a eleição da Mesa, prevista para o final do mês que vem. Os contatos oficiais foram interrompidos por causa do Colégio Eleitoral e da viagem do presidente eleito Tancredo Neves a Europa. Os contatos informais, no entanto, continuaram como prato importante de encontros e reuniões entre os chefes dos dois partidos que integram a aliança política vitoriosa.

A dificuldade maior continua a ser a escolha do nome do cabeça da chapa, o político que irá presidir o Senado nos próximos dois anos, tempo em que, anuncia-se, ocorrerão profundas mudanças institucionais, preparando a convocação da Assembléia Nacional Constituinte. A Frente Liberal argumenta que, tendo o PMDB conquistado o direito de presidir a Câmara, com a eleição provável do deputado Ulysses Guimarães, caberia ao segundo partido da Aliança Democrática presidir o Senado. Esse argumento não encontra trânsito fácil entre os senadores peemedebistas, que costumam lembrar que é do PMDB o contingente maior de votos no Senado, critério que costuma determinar a indicação do nome do presidente da Casa. E o PMDB tem nomes fortes, com apoio da bancada, inclusive o do próprio líder.

Os peemedebistas sabem, no entanto, que a idéia do equilíbrio interno na Aliança Democrática é uma idéia muito forte, que contaria com o aval do presidente eleito e de outros chefes do maior partido oposicionista. Esse aval estaria ligado ao desejo do presidente eleito em ver o senador pernambucano Marco Maciel como presidente do Senado. Incansável articulador do Partido da Frente Liberal, o senador pernambucano não gosta sequer de abordar o assunto. Ele prefere não ter cargos no novo governo, pelo menos inicialmente, pois planeja continuar dedicando-se integralmente à formação do partido frentista, uma tarefa avantajada, que entra agora em fase das mais delicadas e difíceis, a de constituição de diretórios regionais e municipais, ou seja, a implantação da agremiação a nível nacional.

O senador Marco Maciel, afirma-se na Frente Liberal, não está querendo presidir o Senado porque isso lhe obrigaria a permanecer muito tempo em Brasília, envolvendo-se com o trabalho institucional, um trabalho de elevada significação histórica, mas não ligado diretamente ao interesse maior do senador, que é o de ver implantado o partido dele o mais rápido possível. A julgar por essas intenções, o senador talvez aceitasse um lugar no Ministério de Tancredo Neves. Um lugar destacado, desde logo. Ele, porém, garante que nada quer e nada vai pedir para si, somente para seus companheiros. O senador tem uma enorme capacidade de argumentação para conseguir seus objetivos.

Para o lugar destinado a Marco Maciel, a Frente Liberal articulou o nome do senador alagoano Guilherme Palmeira. A articulação não encontrou campo fértil em território peemedebista. O senador alagoano, então, divulgou carta declarando-se fora da disputa pela presidência da Casa. A Frente Liberal, então, passou a investir no nome do senador catarinense Jorge Bornhausen, mas, pelo menos até o momento, a articulação não parece destinada a ter mais sucesso do que a anterior. Se não for o nome de Marco Maciel, o PMDB dificilmente aceitará outro. Preferirá insistir no argumento do número de votos.

Ao retomar os contatos oficiais com a Frente Liberal, o senador Humberto Lucena garante a inexistência de qualquer problema entre os dois partidos da Aliança Democrática. A busca de um nome de consenso é um obstáculo menor, na avaliação dele. "Os desafios maiores para a Aliança Democrática começarão a surgir depois de quinze de março", diz o líder peemedebista. Ele pensa, entretanto, ser chegada a hora de uma "avaliação cuidadosa, sem preconceitos". Afinal, estamos a um mês da eleição.

O líder está preocupado com as surpresas. Com alguma razão, pois já existem dois candidatos dispostos a levar suas candidaturas até o plenário: o senador Luiz Vianna, do PDS da Bahia e o senador Itamar Franco, do PMDB de Minas Gerais. Os dois gozam de grande prestígio no Senado e estão trabalhando bastante, buscando contatos pessoais. O Senado é uma Casa com características muito próprias, onde os políticos se conhecem e convivem intensamente. O líder do PMDB está preocupado com o tempo: se a Aliança Democrática não chegar logo a um acordo poderá ter dificuldades no futuro. Isso é o que ele começará a dizer hoje aos principais dirigentes frentistas, entre eles o senador Marco Maciel e o vice-presidente Aureliano Chaves. Quando o presidente eleito voltar de sua viagem internacional, gostará muito de ver esse assunto resolvido, pois empenhou-se para resolvê-lo antes de viajar.

Luiz Recena Grassi